

AFFONSO NUNES

Entre o mar e a montanha, Paraty permanece com aquela atmosfera do século XVIII: ruas de pedra irregular, casarões caiados, igrejas brancas recortadas contra a Serra da Bocaina. É neste cenário congelado no tempo que a literatura descortina, todo mês de julho, suas tendas e palcos com a Festa Literária Internacional de Paraty. Pelo segundo ano consecutivo, a Flip escolhe uma poeta como autora homenageada. Depois de Paulo Leminski (1944-1989), em 2025, chega a vez de Orides Fontela (1940-1998), voz singular da literatura brasileira que Antonio Candido chamava de “nosso Rimbaud”. A 24ª edição acontece de 22 a 26 de julho, no Centro Histórico da cidade, com curadoria literária de Rita Palmeira e 21 mesas de debate cujos nomes são trechos de poemas de Orides.

Nascida na pequena São João da Boa Vista (SP), filha de um marceneiro e de uma dona de casa, Orides Fontela viveu entre o reconhecimento da crítica e a pobreza extrema. Venceu o Prêmio Jabuti de Poesia em 1983 com *Alba* — livro prefaciado por Antonio Candido — e o



A bela Paraty se enfeita de gente e livros em mais uma edição da maior festa literária do país

Sob o signo do

No ano em que homenageira a poeta Orides Fontela, a Flip 2026 chega a Paraty com mais de 600 atividades

desenrai

Prêmio APCA em 1996, com “Teia”. Sua obra, que inclui ainda “Transposição” (1969), “Helianto” (1973) e “Rosácea” (1986), é marcada por poemas curtos, despojados de ornamento, influenciados pelo zen-budismo e pela filosofia. Os poemas foram traduzidos para o inglês, o francês e o catalão. A editora Hedra relançou suas obras completas.

Rita Palmeira considera Orides “uma das maiores poetisas brasileiras da segunda metade do século 20”, o que diz ser a principal de “inúmeras” razões para a escolha. A intenção, segundo ela, foi propor um enfoque na produção poética de Orides — ofuscada no passado por aspectos biográficos, como a pobreza, e a precária condição social, mesmo após ser laureada com prêmios importantes. “Homenageá-la é um movimento oposto a esse, é tentar fazer com que a sua obra apareça e seja o centro das discussões quando se fala na Orides Fontela”, afirmou em entrevista à CBN.

Rita chega à curadoria após atuar como mediadora de mesas



Andrea Del Fuego

do Programa Principal desde 2017. Doutora em Literatura Brasileira pela USP e mestre em Teoria Literária pela Unicamp, foi editora-executiva da revista *Novos Estudos Cebap* e editora-assistente do selo Três Estrelas. Criou a Livraria Megafauna, em São Paulo, e apresenta o podcast *Livros no Centro*. “Foi uma alegria e uma honra, mas não exatamente uma surpresa, porque tenho uma relação longa com a Flip”, disse ao PublishNews ao ser anunciada,



Andrea Bajani

em setembro de 2025. “A curadoria deve ser feita escutando muita gente — a equipe da Flip, o conselho, antigas curadoras e curadores, as editoras e os leitores, e sempre com atenção ao que vem sendo produzido aqui e fora daqui”, defende.

Para Mauro Munhoz, diretor artístico e um dos criadores da Flip, o convite a Rita “consolida sua parceria profissional com a Flip, que começou por meio de mediações instigantes e inspiradoras entre al-



Ana Paula Tavares

guns dos nomes mais relevantes da literatura contemporânea”.

Uma parte significativa dos autores da programação convida seus leitores a pensar a casa — metáfora que se estende à família ou à nação — como um território instável. Vários convidados mantêm relação ambígua com seus lares: ora estão, ora não estão em seus países de origem; não vivem com segurança em suas casas e se afastam, por coerção ou por escolha, em decorrência de

deslocamentos internos ou externos. O conceito se estende à homenageada: Orides enfrentou precariedade material tão intensa que chegou a ficar sem moradia, no sentido literal. “Reunir autores que escrevem a partir da instabilidade, em suas diferentes dimensões, é certamente honrar a memória de Fontela e de sua poesia”, reforça a curadora.

A programação principal, realizada no Auditório da Matriz, reflete esse eixo. Guerras, migrações forçadas, conflitos geracionais e identitários e a crise das democracias atravessam as conversas — sem abandonar a dimensão pessoal dos autores. A literatura brasileira de autoria feminina, tanto em prosa quanto em poesia, também tem lugar de destaque, com escritoras como Andréa del Fuego, Paulliny Tort, Bethânia Pires Amaro, Mateus Baldi e Paloma Vidal. Cada uma das 21 mesas recebe o nome de um verso de Orides, costurando a homenageada ao tecido dos debates. Uma novidade estrutural: em 2026, há três mesas no domin-